

# **O SINCRETISMO RELIGIOSO NA OBRIGAÇÃO DE DONA CONSTÂNCIA: o reino de Caboclos e Encantados**

VIVIAN DE AQUINO SILVA BRANDIM<sup>1</sup>

## **1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Destinar um estudo a Dona Constância e sua Obrigação fez com que emergissem muitas elementos interessantes ao longo da pesquisa para dissertação. Mas, porque dedicar um estudo a essa temática? Quais as motivações que envolvem uma pesquisa desta natureza? Muitos são os questionamentos que me acompanham desde o primeiro encontro com Dona Constância, me encanto com a sua vida e os rituais religiosos que iniciou em sua casa.

O primeiro contato com Dona Constância, minha tia-avó, também foi o último. Recordo-me de todos os detalhes, desde a chegada ao sítio São José, ritual da Obrigação e o momento da despedida.

A frase que mais me marcou, dentre muitas que ouvi naquele 31 de outubro de 2001, foi que “era para você está aqui neste momento”. Fico imaginando se ela já sabia o que eu iria fazer ou simplesmente foi uma frase espontânea dentre muitas ditas por ela naquele dia.

Chegamos ao Sítio São José por volta das duas da tarde, Dona Constância nos recebeu muito feliz, voltou-se para meu pai e disse que sabia que ele estaria ali, que estava muito feliz por reunir a família. Fomos até a cozinha, nos reunimos em torno de uma mesa enorme, que hoje povoa minhas lembranças sempre que retorno aquele momento. Posso ver meus pais e tios sentados na ponta da mesa, Dona Constância servindo o almoço com tamanha alegria. Da mesa aproximavam-se rostos conhecidos e outros que nunca tinha visto, mas havia em Dona Constância uma vontade enorme de receber a todos.

---

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí, professora da rede pública Estadual [SEDUC-Piauí], membro do Grupo de Pesquisa CNPq “Memória, Ensino de Patrimônio Cultural”. Trabalho orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Áurea da Paz Pinheiro

Almoçamos e fomos conhecer o Sítio, antes, porém, tivemos que saber aonde iríamos dormir, colocar nossos pertences. O que me causou enorme espanto foi saber que ficaríamos na varanda, praticamente ao relento, o que me causou certa contrariedade, mas como ninguém se manifestou, eu não o faria.

Naquela época, eu tinha apenas um filho e resolvi que ficaria grudada nele por tempo integral, pois a quantidade de gente chegando e saindo me assustava. Instalados, fomos conhecer o Sítio. Chegamos ao riacho e muitas pessoas trabalhavam para arrumá-lo para a Obrigação. Fiquei um pouco distante das coisas, confesso que na minha mente havia um misto de medo do desconhecido e ansiedade por conhecer um ritual que reunia tantas pessoas em torno daquela Senhora, franzina de cabelos brancos e de fala tranquila que muitas vezes parecia sussurrar constantemente.

Fiquei observando de longe, naquele momento não me passava pela cabeça trabalhar a Obrigação como uma pesquisa científica, mas confesso que essa possibilidade já causava em mim um enorme fascínio.

A primeira Obrigação que acompanhamos foi à Obrigação da Mata. Não sei porque razão ela não me causou a mesma sensação que iria provocar anos depois. Ouvia o tambor, a reza e a musicalidade da gira, mas talvez por ainda desconhecer muitos dos elementos do ritual não o observei da mesma maneira.

Após a Obrigação da Mata nos reunimos para o almoço e depois Dona Constância atendeu a nossa família individualmente. Estávamos os meus pais, irmãos, sobrinha, cunhada, tios, primos, quase toda a família de meu pai. Muitos pareciam já ter uma familiaridade com o que estava por acontecer e ansiosos por aquela conversa, eu também estava ansiosa. Estava começando minha vida de casada e se alguém pudesse me contar o que iria acontecer, seria ótimo. Fui atendida por ela, eu e meu marido, e até meu pequeno filho, na época com pouco mais de um ano. Dona Constância falou para minha alma, falou de minhas dores mais íntimas. Não sei se estava tudo escrito em meus olhos, mas naquele momento senti como se ela tocasse meu coração e falasse que tudo ficaria bem. Destacou que meu marido trabalharia muito no ano seguinte e que minha vida mudaria muito e que eu deveria mesmo estar ali naquele momento. Rezou com seus rosários e amuletos, nos benzeu com seus óleos e nos deixou com o cheiro de

Codó, porque para ela Codó tem um Cheiro, Cheiro que nos remete à magia que envolve aquele lugar. As lágrimas chegam a invadir o meu rosto quando recorro daquele momento no quarto de Dona Constância.

Depois começamos a nos preparar para a Procissão, um evento católico que em minha opinião na época não poderia caber dentro de um ritual de Umbanda. Minha opinião iria mudar muito posteriormente, mas recordo-me da beleza daquele momento, muitas pessoas acompanhavam a procissão rezando e chorando. Em seguida, se reuniram no salão (Congá) para rezar o terço e para que Dona Constância desse a eles sua benção. Ela parecia em transe e dizia a todos o que eles queriam ouvir, ou o que precisavam ouvir. Encantava a todos e comigo não foi diferente, naquele momento parecia mais embriagada como todos os outros, como os populares que se aproximavam dela pedindo sua benção eu também fui até lá. Ouvi dela que minha avó estava sempre ao meu lado e que eu não me preocupasse, pois todos que tinham me feito mal cairiam aos meus pés. Todos devem estar se perguntando se a previsão dela se realizou, mas deixarei isso para o final.

Depois do Terço foi servido um chocolate com bolo, coisa comum em muitas procissões que minha vida de menina católica costumava presenciar. Em seguida, as Filhas de Santo e Dona Constância se recolheram para preparar mais um momento do ritual. Seria a Obrigação das Águas, a parte do ritual oferecida ao povo das águas. Coloquei meu filho para dormir, grudado no pai, pois a quantidade de pessoas estranhas ainda me incomodava, e fui me preparar para participar do ritual. A meia noite ouvi os cânticos ganharem força na escuridão que tomava conta do Sítio São José. Aquelas mulheres vestidas de branco e aquela senhora franzina que vestia marrom seguiam para o salão iluminado por velas que cortavam a escuridão da noite - tinha início a Obrigação das Águas. Do salão todos seguiram para o riacho, vi todas aquelas mulheres entrarem na água e o povo que esperava para participar da Obrigação se posicionaram em cima de sacos de areia que estavam no meio do riacho fazendo um represamento das águas. Perguntei a Dona Constância onde eu deveria ficar ela me respondeu que eu ficasse onde quisesse, onde me sentisse bem. Não sei o porquê, mas entrei nas águas, foi à única vez que vi o ritual das águas de dentro do riacho, talvez por essa razão tenha sido tão especial.

A água estava quente e me deixou muito confortável, mesmo sendo uma noite fria, não senti frio. Observei tudo com uma atenção. Naquela noite presenciei muito do que me fascinaria na Umbanda. Vi pessoas incorporarem encantados, cantarem, renderem homenagens a seus orixás, vi aquelas pessoas realizarem como gesto de humildade a cerimônia do lava pés, que se seguiu a orações, bençãos e muita emoção.

Terminada a obrigação das águas, ficamos conversando por certo tempo até adormecer, eu ainda estava agitada com todas as emoções daquela noite por isso demorei a dormir. No dia seguinte, levantamos cedo e nos preparamos para voltar para casa. Aquela foi à última vez que vi Dona Constância, ela estava na varanda se despedindo com uma imensa felicidade, pois finalmente tinha conseguido nos levar até lá.

No mês de dezembro daquele mesmo ano Dona Constância faleceu, mas deixou seu legado, sua tradição, suas crenças e seu amor pela família, pelos Filhos e Filhas de Santo que deixava em Codó. Em mim ela deixou tudo isso e a vontade de contar a sua história, o que espero conseguir fazer com a mesma emoção da primeira vez que presenciei a Obrigação de Dona Constância.

Agora, você pode me indagar: Ela acertou as previsões em relação a você? Ainda acredito que minha avó me acompanha sempre e agora junto com meu pai que também faleceu, quanto às outras previsões, tenho trabalhado muito e realmente muita coisa boa aconteceu desde que tivemos aquele encontro e quem me causava tanta tristeza já não me causa mais.

O encontro com Dona Constância fez emergir em mim curiosidade e dúvidas. A princípio a pesquisa restringiu-se a contribuir para diminuir a curiosidade a cerca da temática da Umbanda, posteriormente transformei essa curiosidade em objeto de pesquisa e projeto de mestrado.

O projeto tem como objetivo principal a construção de uma dissertação cuja temática central é a história de vida de Dona Constância e a Obrigação realizada por ela e depois por seus descendentes no sítio São José no dia 31 de outubro. Digo seus descendentes porque depois da morte de Dona Constância em 2001, ela encarregou a

filha Dasdores de continuar realizando a Obrigação por um período de sete anos - chegou ao fim em 2008.

A partir das discussões realizadas sobre este Projeto, procurei orientar as minhas reflexões e investigações em três capítulos para a dissertação. Nesses capítulos procurarei discutir os aspectos singulares da Umbanda no Maranhão a partir da vida de Dona Constância e das Obrigações que ela e seus descendentes realizam no dia 31 de outubro. Neste artigo pretende-se fazer um breve relato das relações entre as manifestações da religiosidade Afro-indio-brasileira<sup>2</sup> presentes no Maranhão e a Obrigação de Dona Constância.

## **2. ENCONTRO COM AS PRÁTICAS RELIGIOSAS AFRO-INDIO-BRASILEIRAS DE DONA CONSTÂNCIA**

Dona Constância nasceu no início do século XX, veio de uma família simples da região Brejo do Mota (MA). Casou muito cedo e se tornou mãe muito cedo. Seu contato com o mundo da religiosidade afro-brasileira aconteceu ainda na infância. Com apenas três anos teve suas primeiras visões e por essa razão foi enviada à Bahia para desenvolver seu dom, ou se afastar dele.

Na Bahia aprendeu e vivenciou os cultos realizados naquela região e no Maranhão esses ensinamentos adquiriram um corpo singular emoldurado pela Mina, Pajelança e o Terecô. No Maranhão o contato com caboclos e encantados ganhou conotação própria e deu a Umbanda praticada por Dona Constância um aspecto muito peculiar. Aspectos esses que são evidenciados pelas particularidades da religiosidade maranhense.

A religiosidade vivenciada no Maranhão criou entidades e lugares sagrados. Segundo a antropóloga Ferretti (2008), esses lugares sagrados não se restringem apenas a Santos Católicos, como o santuário de São José de Ribamar ou “Almas Milagrosas<sup>3</sup>”, mas diversas localidades do Maranhão são conhecidas por seu caráter sagrado.

Várias localidades são conhecidas como morada de encantados - seres mitológicos que, vez por outra, aparecem a alguém em sonho ou em vigília e que baixam nos terreiros de mina, terecô, umbanda e nos

---

<sup>2</sup> Termo utilizado para designar as práticas religiosas ligadas aos afrodescendentes e nativos brasileiros por Reginaldo Prandi em *Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*.

<sup>3</sup> “Almas Milagrosas” ou “Almas Benditas” [de pessoas que viveram ali, a quem se recorre em momentos de aflição] In FERRETTI, Mundicarmo (2008).

salões de curadores e pajés. Esses encantados, recebidos em transe ritual, são também invocados pela população em momentos de aflição. (FERRETTI, 2008)

Reginaldo Prandi (2004) analisa o universo plural das religiões afro-brasileiras ou afro-índio-brasileiras, e as entidades espirituais que constituem o panteão especialmente brasileiro. Justaposto ao panteão de origem africana, formado pelos orixás, encontramos ainda caboclos, mestres e encantados.

Neste panteão analisado por Prandi em sua obra, é essencial perceber as peculiaridades do ambiente de contato de Dona Constância com os elementos das religiões afro-brasileiras e afro-indio-brasileiras no Maranhão (Pajelança, Terecô, Mina, dentre outros) e os encantados.

## **2.1. O Tambor de Minas e a herança africana na Religiosidade Maranhense.**

Ao iniciar minhas leituras a respeito do Tambor de Mina, senti uma enorme familiaridade com muitos elementos, elementos esses que poderiam ser identificados na Obrigação de Dona Constância. Neste momento da narrativa é imprescindível para entender tal familiaridade pontuar informações básicas sobre a constituição da Mina no Maranhão.

O Tambor de Mina provavelmente surgiu em São Luis ainda na primeira metade do século XIX. A tradição da Mina chega ao Maranhão através dos escravos trazidos da África. No Tambor de Mina são cultuados Voduns<sup>4</sup> e Orixás, Gents<sup>5</sup> e Caboclos.

A região da Costa da África Ocidental onde se localiza o antigo Reino do Daomé, era chamada de Costa dos Escravos e também de Costa da Mina. Nesta região foi estabelecido pelos portugueses o séc. XVII o Forte de São Jorge da Mina, localizado na atual República do Gana. Existe também na região uma etnia denominada Mina. Os negros procedentes desta região foram conhecidos no Brasil como negros mina e a religião dos voduns por eles praticada é conhecida até hoje, sobretudo no Maranhão e na Amazônia, como Tambor de Mina. (FERRETTI, S.2006)

---

<sup>4</sup> Para muitos autores como Verger, voduns e orixás são sinônimos (...) Os voduns são difíceis de definir e caracterizar. Constituem uma força, um poder e um mistério. Segundo, Maupoil (1953: 55-59), os voduns e os homens se complementam. Por suas orações, sacrifícios, os homens dão força aos voduns, que se alimentam dos símbolos que lhes são oferecidos. Tem capacidade de possuir seus servidores, no estado de transe ou possessão. (FERRETTI, S., 2004, p. 199).

<sup>5</sup> Nobres encantados (geralmente europeus), às vezes confundidos com orixás, e como estes também associados a santos católicos (FERRETTI, M., 2000, p.74).

De acordo com a antropóloga Mundicarmo Ferretti, o Tambor de Mina em sua origem e essência é um culto a entidades espirituais africanas. No Maranhão ele se estruturou em Casas ou Nações, e que funcionam até hoje em São Luis. Foram elas: A Casa das Minas-Jeje, A Casa de Nagô, e na segunda metade do século XX a Casa de Fanti-Ashanti.

No Tambor de as entidades espirituais recebidas pelos filhos-de-santo são classificadas de várias formas, entre elas por categorias, por famílias, por “nação”, por posição na cabeça do médium em quem incorporam e por posição no terreiro (FERRETTI, M., 2000, p.73).

A Casa das Minas é a mais antiga e tradicional de São Luis, é o único terreiro<sup>6</sup> de mina que não se dança com caboclo (FERRETTI, M. 2000). Foi fundada pela escrava Maria Jesuíta, consagrada ao vodum Zomadonu<sup>7</sup>. Possui até hoje uma organização matriarcal, assim como a maioria dos terreiros de Tambor de Mina, e os cânticos são proferidos em língua Jeje.

A Casa das Minas é organizada como uma gerontocracia matriarcal. Mulheres idosas detêm o conhecimento e dirigem o grupo. Apenas mulheres entram em transe, recebendo voduns e participando de danças. Os homens exercem a função de tocadores de tambor e auxiliam em alguns rituais. No passado, há mais de 70 anos, fala-se que houve alguns homens africanos que recebiam voduns, mas não dançavam. (FERRETTI, S., 2004, p.204)

Pesquisadores, como a antropóloga Mundicarmo Ferretti e o antropólogo Sérgio Ferretti afirmam em seus trabalhos que os terreiros de mina mais antigos como a Casa das Minas não estimulavam a abertura de novas casas, e não reconhecem, nem preparam ninguém para abrir terreiro.

A Casa de Nagô foi fundada por africanos de tradição Iorubá, é consagrada ao orixá Xangô, e a mais difundida, mesmo que a Casa das Minas seja a mais conhecida na

---

<sup>6</sup> Terreiro é a denominação dada à casa de culto ou local onde são realizadas cerimônias religiosas afro-brasileiras.

<sup>7</sup> Zomodonu é o dono da casa (Casa das Minas), foi o vodum protetor da fundadora e das primeiras mães. Para se organizar qualquer festa, tem que se começar por ele. È chamado de Babanatô e tem outros nomes privados que aparecem nos cânticos. Dizem que é um homem normal, escuro, usa túnica com dorso branco e estampado. Dizem que não sabem a história dele, sabem apenas que é filho de rei, filho de outro rei e que teve quatro filhos. Sua festa é no dia primeiro do ano, quando se realiza festa de pagamento dos tocadores. Foi vodum de Maria Jesuíta, de mãe Luiza e outras. As últimas que o carregaram foram D. Romana e D. Anadaí. A chefe da casa recebe ordens dele, que é o dono da casa (FERRETTI, S. 2004, p.208).

literatura, é provável, que tenha sido a responsável pela difusão das práticas da Mina, pois muitos dos terreiros fundados e baseados na tradição mineira foram constituídos por filhos-de-santo que passaram pela Casa de Nagô. O que possibilitou a difusão das práticas religiosas evidenciadas no Tambor de Mina e sua incorporação aos rituais de umbanda, como acontece no terreiro de Dona Constância no Codó, conferem-lhe singularidade. Dos rituais podemos pontuar o transe e o culto a encantados presentes nos terreiros de Mina.

## 2.2. TERCÊ

O Tercê é outra manifestação religiosa do Maranhão de enorme relevância para entender as singularidades da religiosidade naquela região. O Tercê é caracterizada, entre outras coisas pelo uso do tambor em seus rituais. A origem do termo está ligada a expressão Teeleko, que significa celebrar, ou louvar pelos tambores. Também é conhecido como Verequete ou Berequete, denominação com a qual tenho mais familiaridade, pois era como os filhos e filhas-de-santo referiam-se ao ritual que acontecia na casa de Dona Constância.

Também conhecido como Tambor da Mata ou Encantaria de Barba Soeira, segundo a antropóloga Mundicarmo Ferretti ele teria se originado nas fazendas de algodão do Codó e de regiões vizinhas, como o povoado de Santo Antonio dos pretos. Acredita-se que ele tenha iniciado antes da abolição, escondido nas fazendas e que depois tenha se organizado em povoados no interior do Maranhão.

A presença masculina é bem mais evidente do que no Tambor de Mina, e, assim como na Mina, a organização familiar das entidades espirituais ainda prevalece, por exemplo, a família Lega Boji Boá da Trindade<sup>8</sup>.

No Tercê, como no Tambor de Mina, as entidades espirituais são organizadas em famílias sendo a maior e mais importante a da controvertida entidade espiritual Légua Boji Boá da Trindade, apresentado em Codó como “príncipe guerreiro”, filho de Dom Pedro Angassu (conhecido em São Luís

---

<sup>8</sup> Príncipe guerreiro ou preto velho angolano e, em São Luís, como filho adotivo de Dom Pedro Angassu, oriundo de Trindade, ou como um caboclo “da Mata”. Légua Bogi é também apresentado em terreiros da capital maranhense como vodum cambinda (na Casa das Minas-Jeje) ou como um misto de Légua (correspondente daomeano de Exu) e do vodum Poliboji, ideia defendida por Pai Jorge Itaci (OLIVEIRA, 1989, p.37)

como o “representante de Xangô na Mata”) e como “preto velho angolano”. Léguas Boji é também apresentado em terreiros da capital maranhense como vodum cambinda (Casa das Minas-Jeje), ou como um misto de Léguas (Exu) e do vodum jeje Poliboji (OLIVEIRA, 1989).

Em muitos terreiros o Terecô aparece atrelado a Umbanda ou ao Tambor de Mina. Ao ritual são incorporados outros elementos, como o poder da cura e da doença associando conhecimentos indígenas aos africanos. A feitiçaria, em alguns terreiros, aparece associada aos terecozeiros<sup>9</sup> e atrelada à prática da magia negra, o que leva muitos deles a utilizar outras denominações para as práticas religiosas adotadas em seus terreiros ou a se afastarem das tradições religiosas do Codó, assim como posteriormente veremos em relação à Pajelança. Mundicarmo Ferretti ressalta que:

A identificação do Terecô com “magia negra” (feitiçaria) ou com a “linha negra” da religião afro-brasileira (linha de Exu, confundido com o demônio) é geralmente negada pelos terecozeiros de Codó, embora existam ali alguns que declarem realizar trabalhos tanto para o bem como para o mal. “Magia Negra” e feitiçaria foi e continua sendo, na religião afro-brasileira, uma categoria de acusação e, em Codó, se procura manter o Terecô, Léguas Bogi e os “voduns” velhos dela afastados (FERRETTI, M. 2003).

Encantados e caboclos fazem parte deste universo mágico das religiões afro-brasileiras no Maranhão. É importante lembrar que nas comunidades negras originou-se o “Terecô da mata codoense”, dando forma a um cenário do sincretismo religioso maranhense.

Nas florestas de babaçu, ocorreram os primeiros contatos entre os escravos e os indígenas locais, seus mitos e ritmos foram se misturando, e aos poucos foram incorporando elementos do catolicismo português para criar um culto aos encantados, seres lendários de origem europeia, africana e cabocla que renegaram a morte e passaram a habitar um lugar especial na eternidade, a Encantaria.

Vários encantados recebidos no Maranhão em terreiros de religião afro-brasileira são conhecidos em diversas manifestações folclóricas (contos, cantos, danças, representações teatrais, pinturas, esculturas etc.) onde são também considerados seres

---

<sup>9</sup> Embora em 1944/1945 Costa Eduardo (EDUARDO, 1948) tenha encontrado, no povoado de Santo Antônio dos Pretos (município de Codó), uma total separação entre Terecô (ou Encantaria de Barba Soeira), “magia curativa” e “magia negra” (feitiçaria), há muito que esses campos se aproximaram, na prática, de alguns terecozeiros. Hoje, além deles serem também muito procurados como curadores, pelo menos um, o conhecido Bitá do Barão, se apresenta como continuador dos antigos “feiticeiros” de Codó e declara já ter realizado, com Exu, muitos trabalhos de vingança (FERRETTI, M. 2001, p.91)

dotados de existência real, que podem entrar em contato com os humanos. Alguns deles, como a Mãe d'Água e o Rei Sebastião, são muito conhecidos. Outros, como o Ferrabrás de Alexandria, personagem da antiga obra *Historia do Imperador Carlos Magno* e os doze pares de França, reproduzida em folhetos de Cordel (BARROS, L. s.d.), nas *Cheganças*<sup>10</sup> e em outras danças e representações folclóricas que narram batalhas entre mouros e cristãos, nem sempre são conhecidos como encantados fora dos terreiros de mina e de outras denominações religiosas influenciadas por ela. (FERRETTI, M. 2008)

Definir esses seres mágicos, os encantados não é a mais simples das tarefas. Os encantados são “concebidos como espíritos de homens e mulheres que morreram ou então passaram diretamente deste mundo para um mundo mítico, invisível, sem ter conhecido a experiência de morrer: diz-se que se encantaram” (PRANDI, 2004: 7).

Entre os encantados que comandam o Maranhão, podemos destacar Dom Luís, que comanda a ilha de São Luís e tem sua corte encantada na Baía de São Marco e domina de Ponta d'Areia até a Ilha do Medo e Rei Sebastião cuja encantaria fica na Praia dos Lençóis e que domina do Boqueirão ao Itaqui (OLIVEIRA, 1999).

O encantado recebido por Dona Constância era o caboclo João Carrasco, é um caboclo negro, entidade espiritual da linha do Codó ou Encantaria Barba Soeira. E era em pagamento a uma promessa feita por Dona Constância que era realizada a obrigação, no dia consagrado ao seu encantado.

Na Obrigação como já mencionei anteriormente, e não seria diferente em relação ao Terecô, é possível evidenciar inúmeros elementos destes nos rituais. Observando, e em “busca das particularidades que Geertz destaca como essenciais para o entendimento das culturas”<sup>11</sup>, encontro na Obrigação da Mata, momento ritualístico da Obrigação de dona Constância, um exemplo das práticas religiosas do Terecô.

Na Obrigação da Mata somos convidados pelos encantados a visitar a “Mata”, local onde caboclos e encantados se manifestam através de seus cavalos<sup>12</sup>. Deste ritual

---

<sup>10</sup> s.f. Ação de chegar. Dança lasciva do séc. XVIII. Bras. Folguedo popular nas festas do Natal, em que figuram danças e cenas marítimas entre cristãos e mouros.

<sup>11</sup> GEERTZ, C. **A Descrição Densa** in *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

<sup>12</sup> Médium.

só participam os adultos, a presença de crianças não é permitida. Na gira<sup>13</sup> sentimentos e sensações de calor e frio se confundem. O entoar do tambor parece invadir a alma e transportá-los para outro lugar. O calor, que deveria ser o maior problema, é imperceptível. Os encantados presentes na gira cumprimentam e dão passes<sup>14</sup> nos presentes, que são convidados a “firmar seu ponto<sup>15</sup>” na mata e a invocar a proteção de Deus em suas vidas.

Esse momento ritualístico da Obrigação de Dona Constância apresenta, como já foi mencionado, inúmeros elementos do Terecô, o que mais uma vez evidencia as singularidades que o sincretismo das diversas práticas religiosas presentes no Maranhão conferem a Umbanda.

### **2.3. PAJELANÇA**

A Pajelança é uma manifestação religiosa sincrética, que envolve santos católicos, crenças e práticas caboclas, afro-brasileiras e indígenas, possui tanto características mágicas quanto religiosas.

Os termos cura e pajelança são usados aqui para designar um sistema médico-religioso tão antigo ou mais antigo que o tambor de mina, encontrado na capital e em outros municípios maranhenses, onde o curador ou pajé, em transe ou inspirado por entidades espirituais, faz diagnóstico; trata enfermidades; prepara medicamentos naturais, a partir principalmente da flora e da fauna brasileira; e receita alguns remédios produzidos pela indústria farmacêutica, de uso não controlado pelo sistema oficial de saúde (“fortificantes”, como o Biotônico, purgantes, como a Água Inglesa e outros). (FERRETTI, M. 2008)

Na Pajelança são utilizados elementos provenientes da natureza para curar doenças e afastar o mal do corpo e da alma.

No último quartel do século XIX, negros da capital maranhenses se reuniam também em de uma religião denominada “pajé”, com alto nível de sincretismo com o catolicismo, não confundível com a pajelança indígena e nem com o tambor de mina, onde a relação entre religião e saúde era mais

---

<sup>13</sup> Gira: Sessão religiosa, com cânticos e danças para cultuar as entidades espirituais.

<sup>14</sup> Dar passes: Ato da entidade, através do médium incorporado, emitir vibrações que anulem as más influências. E que abrem os caminhos.

<sup>15</sup> Firmar Ponto: Cantar coletivamente o ponto (cântico) determinado pela entidade que vai dirigir os trabalhos para conseguir uma concentração da corrente espiritual.

expressiva, o que pode ser constatado em documentos sobre Amélia Rosa, localizados em arquivos públicos maranhenses (FERRETTI, M. 2004).

A antropóloga Mundicarmo Ferretti percorre em suas pesquisas sobre a religiosidade maranhense o universo da pajelança, para isso a análise da documentação do século XIX é essencial para analisar não apenas as práticas religiosas relacionadas a ela como também o impacto social da mesma. Dentre os documentos analisados por Ferretti está o código de postura da cidade de Codó (1848) e o Código Penal de 1940. Estes documentos estabelecem regras de convívio social para os praticantes da pajelança e da feitiçaria, considera o curandeirismo um crime contra a saúde pública e, portanto, passível de punição.

Toda e qualquer pessoa que se propuser a curar feitiços, sendo livre pagará multa de vinte mil reis, e sofrerá oito dias de prisão, e sendo escravo haverá somente lugar a multa que será paga pelo senhor do dito escravo (Lei 241, Art. 22 – 13/9/1848 – Código Postura de Codó).

Exercer o curandeirismo: I – prescrevendo, ministrando ou aplicando habitualmente qualquer substancia; II – usando gestos, palavras ou qualquer outro meio; III – fazendo diagnóstico.

Pena – detenção, de seis meses a dois anos.

Parágrafo único – Se o crime é praticado mediante remuneração, o agente fica também sujeito à multa, de um a cinco contos de reis.

Decreto-Lei nº 2848, Artigo 284 – de 7/12/1940, publicado no Diário Oficial de 31/12/1940.

A legislação ainda mantém inúmeras restrições até hoje, mesmo admitindo a liberdade religiosa.

Mundicarmo Ferretti ainda argumenta que a perseguição aos curadores e pajés foi bem mais intensa do que aos mineiros.

A análise de paginas policiais de jornais maranhenses das últimas décadas do século XIX e das primeiras do século XX confirma que no Maranhão os curadores e pajés eram mais perseguidos pela policia do que os ‘mineiros’ (sacerdotes do tambor de mina). Fala-se em São Luís que, para fugir aquela repressão, nos anos 30 do século XX, muitos curadores e pajés abriram terreiros de mina e que, a partir dos anos 60, muitos deles se filiaram a Federações de Umbanda e de Cultos Afro-brasileiros e assumiram a identidade de umbandistas ou de “espíritas”, uma vez que aquela religião foi apresentada no passado como “espiritismo de umbanda”. (FERRETTI, M. 2008)

Essa análise de Ferretti é essencial para o entendimento de uma das entrevistas realizadas em Codó com Dona Maria Dasdores Pereira, filha de Dona Constância, a

cerca de sua prática religiosa. Ela afirma que quando era pequena realizavam as obrigações escondidas, pois se o dono da terra descobrisse poderia colocá-los para fora de casa. Em entrevista concedida no dia 29 de julho de 2010 ela revelou, “minha mãe era espírita, mas, ninguém podia saber (...) e quando a gente ia fazer a obrigação era escondido, ninguém podia saber”. Isso demonstra o temor de Dona Constância das práticas realizadas por ela e posteriormente com a ajuda das filhas em função da proibição e da perseguição a que eram submetidos. O que não impediu a continuidade desta prática religiosa.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENTRE PAJÊS, CABOCLOS, SANTOS E ORIXAS DONA CONSTÂNCIA NOS APRESENTA A UMBANDA NO MARANHÃO.**

A umbanda surgiu no início do século XX, é uma religião mediúnica, produto sincrético das principais vertentes religiosas existentes no Brasil: religiões afro-brasileiras, religiões indígenas, catolicismo, espiritismo kardecista, dentre outras. Diferenciando-se de suas matrizes originais, singularizou-se e se tornou uma nova religião, uma religião genuinamente brasileira. A influência kardecista e católica lhe imputa certo caráter moral, ou seja, seu caráter aético é atenuado pela presença de caracteres ocidentais.

No entanto, esta religião apresenta particularidades que faz com que ela se diferencie dos demais cultos de possessão (Espiritismo Kardecista, Candomblé e Religiões indígenas).

Na umbanda, as “entidades” situam-se a meio caminho entre a concepção dos deuses africanos do candomblé e os espíritos dos mortos dos kardecistas.

Ao observar pela primeira vez a obrigação de Dona Constância percebi como eram interessantes as relações estabelecidas dentro de uma religião ainda pouco entendida e, de acordo com Dona Dasdores, filha de Dona Constância, ainda muito discriminada.

Mãe Dindinha, como era conhecida dona Constância, impressionou-me não só pela figura religiosa respeitada dentro da Umbanda Maranhense, mas, também, por sua

história de vida imersa em elementos místicos de fé e por uma dedicação ao próximo. Dedicção, traduzida na caridade, á a base dos ensinamentos da umbanda.

Respeitada na cidade de Codó e em municípios vizinhos, mãe Dindinha realizava todos os anos no dia 31 de outubro<sup>16</sup>, data mística carregada de simbolismo, a obrigação e reuniu, ao longo de muitos anos, mesmo após a sua morte, pais e mães de santo da cidade de Codó, além de pessoas comuns, firmes aos ensinamentos de mãe Dindinha.

No decorrer da narrativa deste artigo visitamos rapidamente o universo do Tambor de Mina, do Terecô e da Pajelança na tentativa de pontuar dentro da Obrigação de Dona Constância os elementos que ratifiquem o sincretismo marcante na religiosidade maranhense.

Em nenhum momento foi ambicionado por esta pesquisa promover um “descrição densa” destas religiões aos moldes propostos por Clifford Geertz, mas sim, incitar inquietações a cerca do sincretismo religioso presente na obrigação de Dona Constância, e que é meu objeto de estudo na pesquisa para dissertação do mestrado, como cenário que possibilitasse a percepção das singularidade do mundo místico e religioso maranhense.

A obrigação de Dona Constância era constituída, como foi demonstrado logo no início do texto, por quatro momentos ritualísticos importantes, sendo atravessada por elementos das religiões do tambor de Mina, do Terecô, da Pajelança e do Catolicismo.

No Tambor de Mina, segundo Ferretti (1995, p. 110),

---

<sup>16</sup> Este é o dia mais agitado do ano, no calendário celta, é o Samhain. Para os druidas [significaria aquele que tem o conhecimento do carvalho], nessa noite, a linha invisível que separa o nosso mundo e o mundo dos mortos se torna mais tênue, sendo o tempo ideal para nos comunicarmos com os que já partiram. O "Outro Mundo" celta, também conhecido como o Abismo, é um lugar entre os Mundos; uma mistura de paraíso e atormentações. É o lugar no qual todos buscamos respostas para nossas perguntas mais íntimas, onde a fantasia se mistura à realidade e o consciente ao inconsciente. Durante esta noite é permitido aos espíritos do Outro Mundo atravessem o portal sem grandes dificuldades. A Igreja Católica celebrava originalmente o "Dia de Todos os Santos" no mês de maio e não dia 01 de novembro como é feito atualmente. O Papa Gregório III, em 835, promoveu essa mudança em consonância com os ritos relacionados ao Samhain na Europa. No século V, a Igreja dedicava um dia do ano para rezar por todos os mortos, pelos quais ninguém rezava e dos quais ninguém lembrava. Desde o século XI os Papas Silvestre II (1009), João XVII(1009) e Leão IX (1015) obrigam a comunidade a dedicar um dia aos mortos. No século XIII, esse dia anual passou a ser comemorado em 02 de novembro, porque 1o é a Festa de Todos os Santos.

O sincretismo com o catolicismo, o espiritismo e a maçonaria representa a parte brasileira desta religião. Os vodúnsis<sup>17</sup> da casa das minas dizem que elas já não são africanas como as fundadoras. Reconhecem que são diferentes. Lembram por exemplo que na Quaresma, não há toques e os voduns<sup>18</sup> não vem.

Ferretti destaca a existência na Casa das minas de práticas de origem ameríndia e a presença do caboclo<sup>19</sup>. Ainda dando destaque a discussão proposta por Sérgio Ferretti (1995, p.111) a cerca do sincretismo religioso, ele destaca que:

O fenômeno do sincretismo religioso possui partidários e adversários entre os estudiosos das religiões afro-brasileiras. Adquiriu mesmo um significado pejorativo, como acontece com os conceitos de raça e tribo. Alguns consideram que o sincretismo é incompatível com as exigências lógicas do pensamento civilizado. Ao mesmo tempo, constata-se que o fenômeno está presente em todas as religiões, sendo comum na sociedade brasileira, não existindo apenas no pensamento antropológico, necessitando, portanto ser mais bem examinado.

Retornemos ao centro de nossa discussão e atentos às relações com as ideias a cerca de sincretismo religioso presente na Obrigação de Dona Constância e consequentemente nas práticas umbandistas daquela região discutidos por Ferretti, a Obrigação de Dona Constância torna-se um importante referencial para evidenciá-lo.

#### 4. REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. 3º Ed. São Paulo. Martins Fontes.2003

\_\_\_\_\_. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007

FERRETTI, Mundicarmo. **Desceu na Guma: O caboclo no tambor de mina**. São Luis: Edufma, 2000.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Repensando ao Sincretismo: Estudo sobre a casa das minas**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo;

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

---

<sup>17</sup> Filhas-de-santo

<sup>18</sup> Os Voduns são ícones ou "Orixás" da Cultura Jêje. São diferentes dos Orixás tradicionais, pois não pertencem somente à estrutura de criação do Planeta Terra. Estão acima dos Orixás, pois pensam, decidem e tem senso de distância, pena, ódio, amor, tempo.

<sup>19</sup> Mundicarmo Ferretti afirma que as entidades espirituais caboclas das minas só passaram a ser objeto de observação sistemática em 1984, quando é iniciada sua pesquisa na casa de Fanti-Ashanti.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org). **Samavo, o amanhã nunca termina**. São Paulo,: Empório de Produções, 2005.

OLIVEIRA, Jorge Itaci. **Orixás e voduns nos terreiros de Mina**. São Luís: VCR Produções e Publicidades, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Negros Feitiços. In: ISAIA, Artur César (org.) **Orixás e Espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa Contemporânea**. Uberlândia, EDUFU, 2006.

PRANDI, Reginaldo (org). **Encantaria Brasileira: O livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

\_\_\_\_\_. **A criação do mundo: Contos e lenda afro-brasileiros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARACENI, Rubens. **Tratado Geral de Umbanda: as chaves interpretativas teológicas**. 2 ed, São Paulo: Madras, 2009.

\_\_\_\_\_. **Código da Umbanda**. São Paulo: Madras, 2008.

TRINDADE, Diamantino Fernandes, LINARES, Ronaldo Antonio & COSTA, Wagner Veneziani. **Os Orixás na Umbanda e no Candomblé**. São Paulo: Madras, 2008.

## **LINKS PESQUISADOS**

FERRETTI, Mundicarmo. **Encantados e Encantarias no Folclore Brasileiro**. Acessado em 26 de outubro de 2010, em [www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/encantados](http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/encantados).

FERRETTI, Mundicarmo. **Cura e Pajelança em Terreiros do Maranhão (Brasil)**. Acessado em 23 de outubro de 2010, em [www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/cura](http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/cura).

FERRETTI, Mundicarmo. **Religião e Sociedade: Religiões de Matriz Africana no Brasil, um Caso de Polícia**. Acessado em 26 de outubro de 2010, em [www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/religafro](http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/religafro).

FERRETTI, Mundicarmo. **Formas Sincréticas das Religiões Afro-Americanas: O Terecô de Codó (MA)**. Acessado em 26 de outubro de 2010, em [www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/tereco.pdf](http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/tereco.pdf).

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Diversidade Religiosa e Cultural do Maranhão**. Acessado em 26 de outubro de 2010. [www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/diversidade](http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/diversidade).

**Pequeno Dicionário Umbandista**. Acessado em 07 de abril de 2010 as 22h35min. [www.cethrio.vilabol.uol.com.br/modelos/dicumbanda.htm](http://www.cethrio.vilabol.uol.com.br/modelos/dicumbanda.htm).